AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 4 – Nº 5 MAIO DE 1980

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO
DE ECONOMIA

GOMES FREIRE -8.V.80 DR-RIO

BRASIL CORREIO CR$ 00160 M 10.557

PERIÓDICOS

BIBLIOTECA KARL BOECKECKER 1BJC134L7B
ESCOLA ADMINISTRACAO EMPRESAS FGV
AV 9 DE JULHO 2029/10 ANDAR
SAO PAULO SP ECIç

EAESP/FGV

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

COORDENADOR Tito Bruno Bandeira Ryff

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Pecuária Bovina	Antonio Roberto Marques Gonçalves
Fatores de Produção; Infraestrutura; Sistema de Safras	Bruno Marcus Rangel Pessanha
Serviço de Dados Básicos; Mandioca; Cana de Açúcar	Francisco Antônio da Fonseca Menezes
Agroindústria; Algodão	Inês Tereza Lyra
Fruticultura	Iracema Bouza Pessôa
Animais de Pequeno e Médio Portes; Feijão	Irene Raguenet Trocolli
Milho; Sorgo; Rações; Serviço de Cadastro	Ivan Wedekin
Oleaginosas; Cereais de Inverno; Metais	Leila Tendrih de Freitas Almeida
Editoração	Lúcia Maria Murat Vasconsellos
	Fernando Roberto de Freitas Almeida
Moeda e Crédito; Fumo; Arroz; Café	Régis Norberto da Cunha Alimandro
Horticultura	Rogério Carneiro Campello
Cacau; Comércio Exterior	Rui Melo de Carvalho

QUADRO DE APOIO

Composição; Montagem; Arte Final	Emerson da Silva Martins
Mensageiro	José de Oliveira Melo Júnior
Secretária	Jorgina L. Lemos
Datilógrafa	Suely Diniz da Costa
Serviços de Documentação	Maria Eunice Rocha
Estagiários	Atila Gomes
	Benjamin Grosskopf
	Deborah de Almeida Lima
	Marco Augusto Salles Teles
	Sônia Penha Paixão
	Teresa Dietra Pereira

"Agroanalysis" é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, editada com apoio do Banco Central.

Agroanalysis, v. I – , n. 1 –; 1977 –
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30 cm Mensal (jan. a dez.)

1. Agricultura – Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola

CDU 631 (05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 – 10º – ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

AGROANALYSIS

FUNDAÇAO
GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Análise

Soja 3

Comentários

Café 14

Leite. 16

Trigo. 18

Panorama Agropecuário

Acompanhamento das
Culturas Temporárias . . . 20

Mercado Externo. 26

Mercado Interno 28

Preços Relativos 30

NOTA DA EDIÇÃO

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

Não há dúvida de que a expansão da cultura da soja é um dos traços marcantes da evolução do setor agrícola brasileiro na década de 70. Como todo fenômeno vertiginoso, o crescimento explosivo da produção da leguminosa suscita, ainda, controvérsias: uns apontam para a enorme renda gerada com a lavoura da soja e para os benefícios que daí advieram em termos de arrecadação de divisas de que o país tanto necessita; outros, responsabilizam a soja pelo deslocamento das culturas de abastecimento interno em certas áreas do sul do país.

Seja como for, é muito possível que a discussão, daqui por diante, refira-se, cada vez mais, a fatos distantes no tempo. Impulsionada, nos últimos 15 anos, pelo acelerado crescimento do mercado internacional, a produção de soja, no Brasil, encontrará, doravante, no mesmo mercado, as limitações à sua expansão. O aumento expressivo registrado nas exportações brasileiras da leguminosa , ocorreu, sobretudo, em função de uma rápida multiplicação da demanda mundial por farelos ricos em proteínas. Brasil e Estados Unidos, os dois maiores exportadores do produto, beneficiaram-se dessa expansão do mercado, aumentando consideravelmente suas vendas externas de soja. A julgar, no entanto, pela análise apresentada neste número de "Agroanalysis" (pág. 3), a nova fase que se inicia é de acirramento da concorrência entre esses dois paí-

Agroanalysis, 4(5): 1-2,
maio 1980

ses. Nos últimos 7 anos, a produção brasileira saltou de 5 milhões de t para quase 15 milhões de t, enquanto a safra dos Estados Unidos praticamente dobrou, passando de 34,5 milhões de t para 61,7 milhões de t. É óbvio que as safras desses dois países estão em rota de colisão. Um dos dois terá que desacelerar sua trajetória para permitir que o outro chegue primeiro ao ponto de convergência. Determinar quem cederá o passo nessa concorrência que se anuncia crescente é tarefa, talvez, para estudos aprofundados. Tudo dependerá, em última instância, da capacidade dos produtores brasileiros produzirem soja a custos inferiores aos do agricultor americano. E, ambos, terão, provavelmente, que se defrontar com um preço internacional decrescente, em termos de dólares de valor constante. Nas últimas quatro safras, a relação entre a cotação internacional da soja (convertida em Cr$ segundo a taxa média anual de câmbio) e o custo de produção levantado pela FECOTRIGO caiu de 2,36 para 1,46. Essa tendência de declínio nos preços começou a delinear-se na safra 1972/73 e, certamente, deverá acentuar-se em 1981 se as primeiras estimativas de plantio dos EUA, que prevêem uma repetição da área plantada com soja em 1979, se mostrarem corretas.

Além do trabalho sobre soja, "Agroanalysis" mostra ainda, neste número, a necessidade de uma política permanente de estímulo à produção de leite (pág.), as razões que justificam uma política mais prudente com relação à produção de trigo no Brasil (pág.) e o êxito da nova estratégia de vendas do IBC, que torna mais realista a meta de se alcançar US$ 3 bilhões com as vendas externas de café este ano (pág.).

SOJA: CRESCE A PARTICIPAÇÃO DO PAÍS NO MERCADO EXTERNO

O BRASIL É HOJE O SEGUNDO MAIOR PRODUTOR E EXPORTADOR DE SOJA, RESPONSÁVEL POR 15,5% DA PRODUÇÃO MUNDIAL. ENTRETANTO, O PAÍS NÃO TEM CONSEGUIDO MAXIMIZAR O INGRESSO DE DIVISAS A PARTIR DA VENDA DESTE PRODUTO E DE SEUS DERIVADOS.
O ARTIGO ANALISA AS DIFICULDADES DA POLÍTICA DE VENDAS BRASILEIRA, QUE VEM PRIVILEGIANDO OS DERIVADOS EM DETRIMENTO DO PRODUTO "IN NATURA".

A crescente participação do Brasil no mercado internacional da soja e de seus derivados lhe confere, hoje, o lugar de segundo maior produtor e exportador da oleaginosa, com 15,5% da produção mundial. Desde os seus primórdios, essa expansão foi estimulada pela política governamental, tendo em vista a expectativa de crescimento da demanda internacional para a soja, o que indicava uma perspectiva de preços elevados e um mercado sem grandes dificuldades de colocação do produto.

Efetivamente, nos primeiros anos da década de 70, as cotações da soja e de seus derivados apresentaram grande incremento. Esse impulso se deveu, principalmente, à intensificação da criação de rebanhos em regime de confinamento, tanto na Europa Ocidental quanto nos EUA, e ao crescimento simultâneo dos rebanhos naqueles dois mercados, onde o plantel bovino esteve praticamente estagnado até o início dos anos 70.

Em conseqüência, a demanda por soja, em especial para o fabrico de rações, cresceu a uma taxa média de 3,8% ao ano, entre 1969/70 e 1972/73, enquanto a oferta total do produto se expandia a um ritmo de aproximadamente 1,2%. O resultado foi uma gradativa redução dos estoques ao longo daquele período. Esse desequilíbrio entre oferta e demanda tornou-se particularmente sério no ano-safra 1972/73, em razão das quebras registradas na produção mundial de grãos, principalmente nos países asiáticos. Foi nessa ocasião que a URSS, pela primeira vez, recorreu ao mercado mundial de soja em grão, adquirindo volume superior a um milhão de toneladas da oleaginosa.

A situação do mercado internacional, naquele ano, foi agravada, ainda, pelas condições climáticas desfavoráveis que haviam afetado a safra norte-americana de soja, o que levou o governo dos EUA a impor restrições à exportação do grão e de seus derivados, temendo problemas no abastecimento interno.

Agroanalysis, 4(5): 3-13, maio 1980

Já no ano agrícola seguinte (1973/74), a produção mundial de soja cresceu 25%, estimulada pelos preços atraentes da estação anterior e graças à recuperação registrada nos rendimentos da lavoura. Nesta época, o Brasil já participava ativamente do mercado internacional da leguminosa, não só na venda de grãos mas também na do farelo. O Quadro 1 apresenta a evolução das exportações brasileiras e norte-americanas, a partir de 1969/70. Verifica-se que a participação dos EUA nas exportações totais de grão e de farelo vem caindo paulatinamente, enquanto a do Brasil evoluiu de 2% no total das vendas de grão em 1969/70, para 13% em 1976/77, último ano de produção normal de soja, no Brasil.

Entretanto, mais significativa ainda tem sido a conquista brasileira de parcelas do mercado mundial de farelo de soja. Partindo de 525 mil t exportadas em 1969/70, o país alcançou 4,5 milhões no ano comercial de 1977/78, com 17% do total do farelo comercializado internacionalmente. Enquanto isso, os norte-americanos reduziram sua participação de 26% para 18% no mesmo período.

ESTADOS UNIDOS: O PRINCIPAL CONCORRENTE

É importante, contudo, ressaltar que a redução da participação relativa das vendas norte-americanas no mercado mundial de grão, farelo e óleo, havida entre 1969/70 e 1977/78, não significa que aquele país tenha cedido terreno a seus concorrentes. Pois, no período considerado, as exportações de soja *in natura* dos EUA se mantiveram em torno de 30% de sua produção total, enquanto esta cresceu aproximadamente 50%. A situação é quase idêntica no caso do farelo e óleo, o que significa que a expansão das vendas brasileiras veio atender a parcelas de um mercado crescente, sem deslocar a posição do maior produtor exportador mundial.

O crescimento da oferta brasileira tem provocado algumas modificações no mercado mundial da soja. Em primeiro lugar, a expansão da participação brasileira no mercado, em resposta do crescimento da demanda, vem favorecendo a estabilização ou até mesmo uma tendência (mais a longo prazo) de queda das cotações internacionais, em termos reais. Conforme se observa no Gráfico 1, os preços médios (reais) da soja em grão na Bolsa de Chicago se situaram, no período que vai de 1973/74 a 1978/79, entre US$ 220 e US$ 300/t, variação esta que pode ser considerada pequena frente à expansão de 28% da oferta total, havida no período. Na verdade, as oscilações das cotações foram praticamente reflexo de variações na produção mundial, motivadas por fatores aleatórios.

Desse modo, o constante aumento da participação brasileira no abastecimento do mercado internacional de soja e seus derivados confere ao Brasil crescente importância na determinação dos rumos desse mercado. Em 1977/78, por exemplo, somando-se as participações brasileira e norte-americana no total das exportações de farelo e de óleo, têm-se, respectivamente, 40% e 27%, com parcelas significativas sendo detidas pelo Brasil. É só com relação ao grão que a divisão do mercado mundial entre esses dois países mostra-se visivelmente desfavorável ao produto brasileiro. Isto porque, além das duas últimas quebras de safra ocorridas no país, que reduziram substancialmente as disponibilidades do grão para venda externa, foram criados e mantidos incentivos fiscais e creditícios para a exportação na forma de derivados da maior parte da soja produzida internamente.

A justificativa de tal política repousa no fato de que os produtos manufaturados possuem maior valor agregado e, portanto, maximizariam a receita de divisas proveniente das exportações do complexo soja. Desta forma, era necessário estimular a expansão de um parque moageiro, o que seria feito concedendo-se estímulos adicionais ao setor privado, na forma de crédito subsidiado, isenções fiscais etc. Estes incentivos, elevando a rentabilidade do setor, teriam a função de atrair novos investidores.

A política de estímulo à exportação de derivados apóia-se no fato de que os derivados da soja obtêm no mercado internacional um preço superior ao do próprio grão, respeitada a equi-

QUADRO 1

Soja – comércio internacional, exportações do Brasil e dos EUA de grãos e derivados – período 1969/70-1979/80
(em 1 000 t)

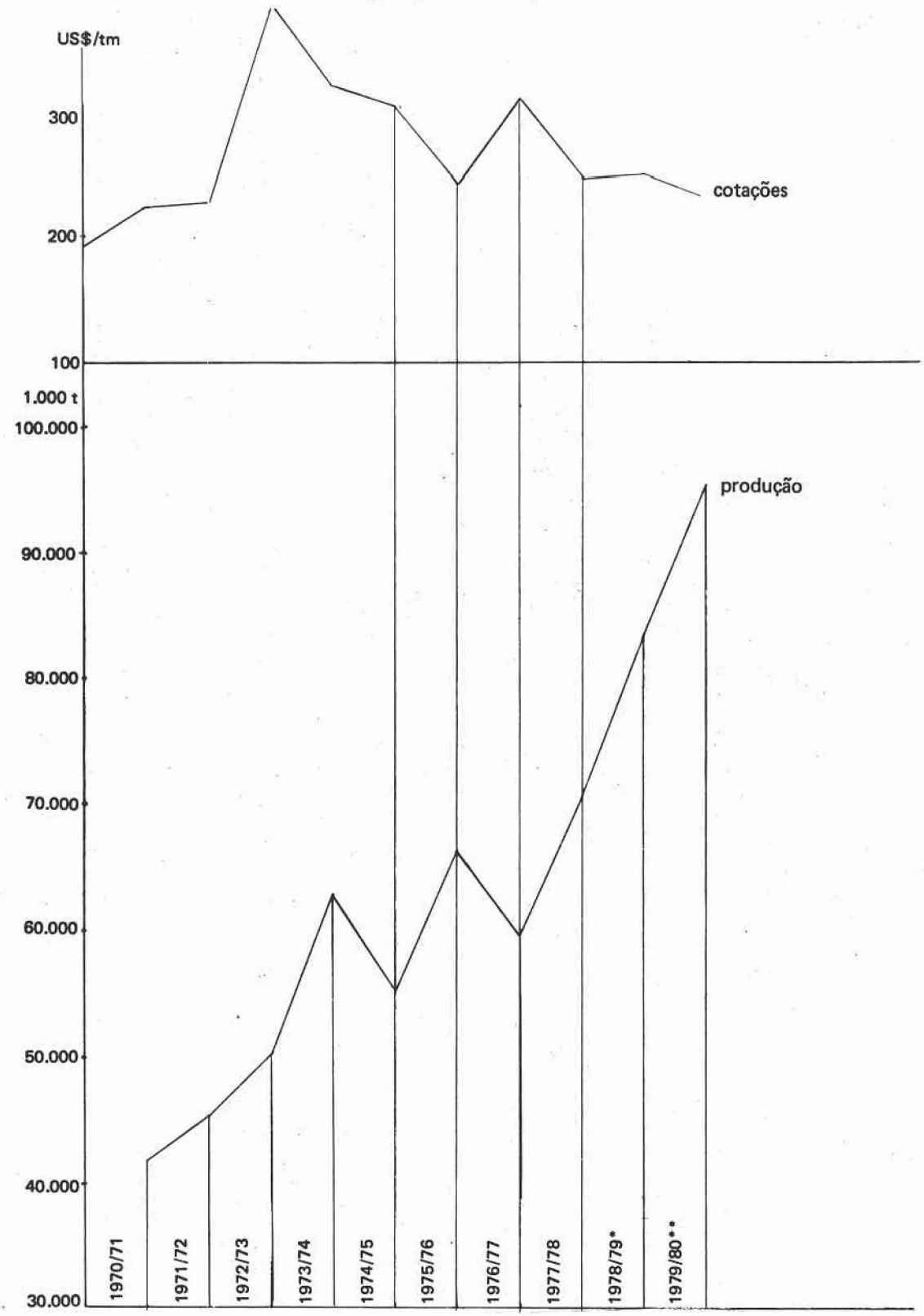
ANO	EUA			BRASIL			TOTAL		
	Grão	Farelo	Óleo	Grão	Farelo	Óleo	Grão	Farelo	Óleo
1969/70	9.504	3.660	681	230	525	3	10.099	14.305	2.938
1970/71	9.173	4.086	784	170	911	7	9.732	14.756	2.972
1971/72	9.573	3.615	595	825	1.405	60	10.738	15.746	3.054
1972/73	10.511	4.414	439	1.420	1.581	91	12.108	18.144	3.253
1973/74	11.082	4.910	762	2.171	2.031	2	13.410	20.395	3.807
1974/75	9.935	3.783	356	2.650	3.134	264	26.397	20.070	3.530
1975/76	12.189	4.862	510	2.893	4.356	498	15.439	24.896	4.502
1976/77	12.875	4.207	774	2.056	5.354	503	15.656	25.500	4.850
1977/78	13.870	4.660	820	658	4.536	458	15.680	26.550	4.890
1978/79	20.500(1)	5.996(1)	1.059(1)	638	4.565	517	24.015(1)		
1979/80	22.300(2)	6.532(2)	998(2)	1.500(1)	7.350(1)	850(1)	35.110(2)		

FONTE: FUNCEX, Reuter, Oil World, CACEX.
(1) Estimativa
(2) Projeção.

Agroanalysis, 4(5): 3-13, maio 1980

GRÁFICO 1

Soja — produção mundial e cotações médias anuais (em valores reais de 1979) da Bolsa de Chicago — período 1969/70-1979/80



FONTE: FUNCEX, Oil World, Commodity Yearbook.
* Estimativa.
** Projeção.

valência entre eles. O Quadro 2 mostra que, ao longo do tempo, a razão entre a soma dos preços dos derivados, considerando-se sua equivalência em termos de matéria-prima, e o preço do grão, gira em torno de 1,06, ou seja, os dois produtos industrializados tiveram um valor, em média, 6% superior ao do grão, na série histórica considerada.

O Gráfico 2, elaborado a partir do Quadro 2, permite uma melhor observação do relacionamento entre as cotações dos três produtos. De acordo com este Gráfico, observa-se que, na maior parte das vezes, as cotações do farelo foram acompanhadas por movimentos semelhantes registrados no preço do grão, indicando ser o farelo o elemento motor das cotações do complexo. A afirmativa se justifica pela constatação de que o consumo mundial de farelos proteínicos cresceu a uma taxa média anual de 6% na última década (contra 3,4% do crescimento do consumo de óleos). De acordo com o Quadro 3, a soja, que já detinha uma participação de 50% no consumo desses farelos em 1971/72, vem deslocando outras oleaginosas, uma vez que sua demanda tem crescido mais rapidamente do que o consumo conjunto dos farelos.

A expansão da soja em detrimento de seus substitutos, pode encontrar explicação, além da boa produtividade da cultura e do alto teor proteínico do grão, no fato de que a moagem da leguminosa rende 78% de farelo e apenas 18% de óleo, enquanto o girassol, o amendoim e a colza, por exemplo, possuem rendimento de óleo em torno de 40%, o que reduz substancialmen-

QUADRO 2

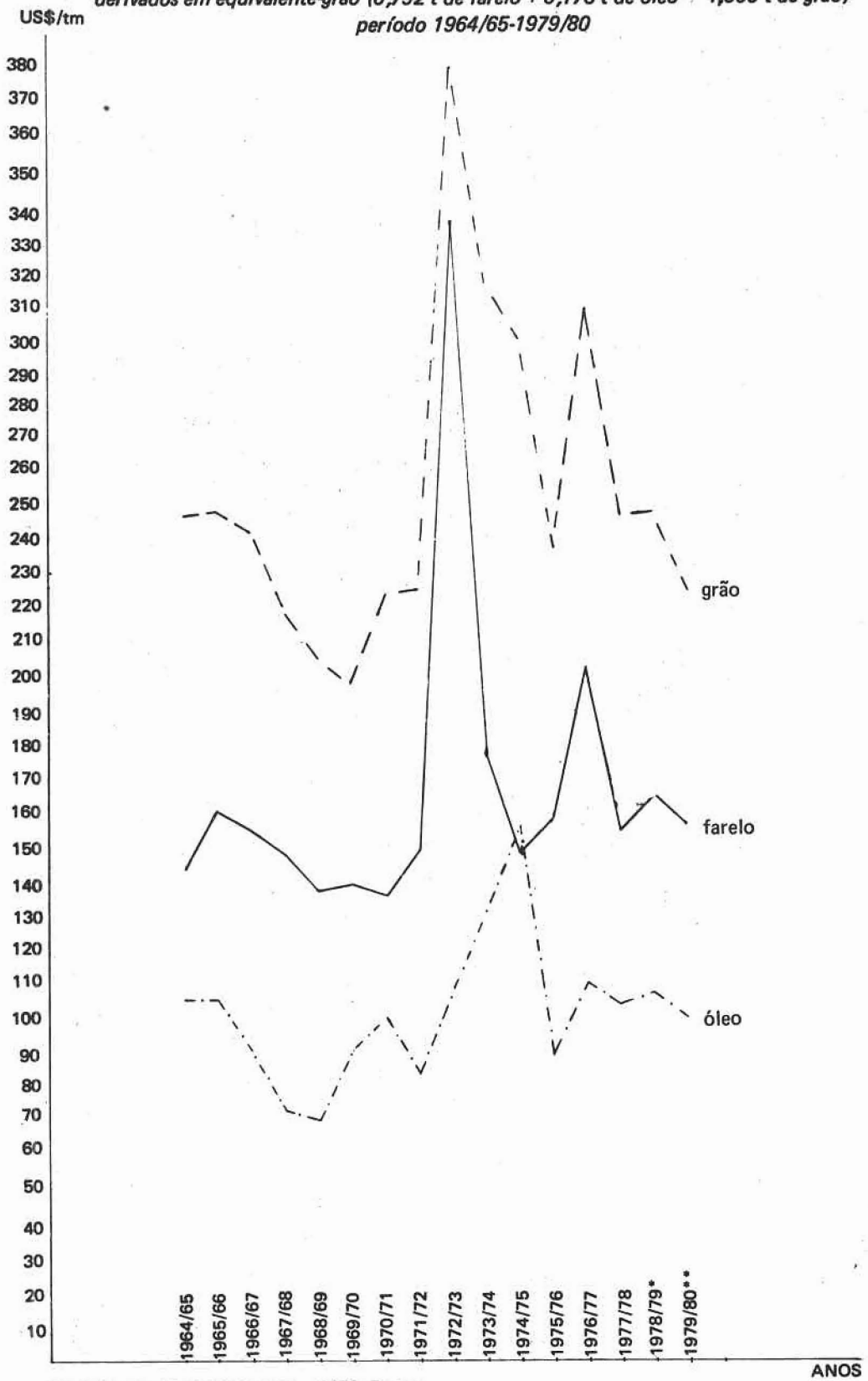
Soja — Preços médios anuais do grão, dos derivados em equivalente — grão (0,792 t de farelo + 0,178 t de óleo = 1 t de grão) — período 1964/65-1979/80

	A preços do grão (US$/t)	B 0,792 t do preço do farelo (base: US$/t)	C 0,178 t do preço do óleo (base: US$/t)	D B + C	E D/A
1964/65	247,62	142,67	105,50	248,17	1,00
1965/66	248,00	160,50	105,65	266,15	1,07
1966/67	243,21	155,15	90,27	245,42	1,01
1967/68	217,87	148,02	73,30	221,32	1,02
1968/69	205,01	137,32	70,45	207,77	1,01
1969/70	197,66	139,11	90,70	229,81	1,16
1970/71	224,48	136,01	100,39	236,40	1,05
1971/72	225,95	149,81	84,77	234,58	1,04
1972/73	381,36	333,49	108,90	442,39	1,16
1973/74	315,59	178,33	174,80	353,13	1,12
1974/75	300,17	148,02	156,92	304,94	1,02
1975/76	238,81	157,72	89,40	247,12	1,03
1976/77	308,25	203,31	110,04	313,35	1,02
1977/78	247,63	155,15	104,62	259,77	1,05
1978/79	248,00	165,62	108,38	274,00	1,10
1979/80	227,79	152,40	96,91	249,37	1,09

FONTE: Commodity Year Book — 1979
Reuter.

GRÁFICO 2

Bolsa de Chicago – preços médios anuais (valores reais de 1979) da soja em grão e dos derivados em equivalente-grão (0,792 t de farelo + 0,178 t de óleo = 1,000 t de grão) período 1964/65-1979/80



FONTE: Commodity Yearbook – 1979, Reuter

* Estimativa

** Projeção

te a quantidade produzida de farelo, a partir do esmagamento dessas oleaginosas.

Para 1979/80, está se projetando a manutenção da participação do consumo de farelo de soja em 61% do total de farelos consumidos, apesar da competição cada vez mais acirrada entre as oleaginosas que produzem esses insumos. Por outro lado, os anos em que os preços do grão tiveram comportamento bastante distinto dos do farelo coincidiram com a queda acentuada nas produções dos óleos de amendoim, girassol ou palma, gerando forte aquecimento da demanda por óleo de soja.

O Quadro 4 mostra a evolução do consumo dos principais óleos vegetais, no período de 1971/72 a 1979/80. Observa-se que o consumo mundial de óleos vegetais vem crescendo a 3,4% ao ano, e, no período considerado, o consumo dos óleos de algodão e de amendoim ficou praticamente estagnado, o que propiciou a conquista de novas parcelas do mercado pelo derivado da soja. Segundo esta apreciação, o consumo mundial dos derivados da soja tem crescido, não só em função do aumento da demanda por farelos proteínicos e óleos vegetais mas, também, graças à conquista de parcelas do mercado das oleaginosas tradicionais.

Esta constatação, entretanto, não assegura o acerto integral da política brasileira de vendas do complexo soja. Isto porque, acompanhando o crescimento do consumo de derivados, a demanda pelo próprio grão evoluiu de maneira bastante satisfatória, em razão da expansão dos

QUADRO 3

Farelos proteínicos – consumo mundial e participação relativa (%) do farelo de soja – período 1971/72-1979/80

	A Consumo total de farelos proteínicos (1.000 t)	B Consumo farelo de soja (1.000 t)	B/A
1971/72	62.370	31.420	0,50
1972/73	62.500	33.110	0,53
1973/74	66.970	37.470	0,56
1974/75	67.980	37.730	0,56
1975/76	74.550	44.610	0,60
1976/77	73.660	43.720	0,59
1977/78	82.940	51.040	0,62
1978/79	88.120	54.400	0,62
1979/80	92.000	56.500	0,61

FONTE: Oil World.

Agroanalysis, 4(5): 3-13, maio 1980

QUADRO 4

*Óleos Vegetais Alimentícios — consumo mundial e participação relativa por tipo de óleo — período 1971/72-1979/80 **
(em 1 000 t)

ÓLEO	ESPECIFICAÇÃO	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80
Soja	consumo	7.091	7.575	8.570	8.273	9.888	10.208	11.391	12.436	12.808
	percentagem	17	18	19	19	21	21	23	23	23
Palma	consumo	1.657	1.856	2.024	2.380	2.641	2.757	2.900	3.385	3.624
	percentagem	4	4	5	5	6	6	6	6	7
Algodão	consumo	2.697	2.920	2.928	2.941	2.587	2.758	3.035	2.950	3.103
	percentagem	6	7	7	7	5	6	6	6	6
Girassol	consumo	3.523	3.413	3.922	3.619	3.750	3.595	4.226	4.407	4.692
	percentagem	8	8	9	8	8	8	8	8	9
Amendoim	consumo	2.935	2.600	2.549	2.589	3.069	2.756	2.627	2.774	2.775
	percentagem	7	6	6	6	7	6	5	5	5
TOTAL		42.407	42.772	44.054	43.957	47.160	47.941	50.562	53.287	54.649

FONTE: Oil World.
* Ano comercial — outubro-setembro.

QUADRO 5

BRASIL: Preços médios (US$/t) anuais das exportações de soja, de seus derivados individualmente e em equivalente-grão (0,792 t de farelo + 0,178 t de óleo = 1 t de grão) 1973-79

		1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
A	Grão	276,66	214,72	205,47	216,66	274,31	257,98	281,15
B	Farelo	267,24	149,21	148,64	181,76	214,83	193,75	219,87
C	Óleo	387,70	830,04	579,22	385,62	562,81	580,45	623,03
D	B x 0,792	211,65	118,17	117,72	143,95	170,15	153,45	174,14
E	C x 0,178	69,01	147,75	103,10	68,64	100,18	103,32	110,89
F	D + E	280,66	265,92	220,82	212,59	270,33	256,77	285,03
G	F/A	101,00	122,00	107,00	98,00	99,00	1,00	101,00

FONTE: CACEX.

parques moageiros no exterior. Deste modo, em tese, teria havido possibilidade de crescimento das exportações do Brasil, em relação ao comércio internacional, também no tocante aos grãos.

A respeito, observando-se o Quadro 5, nota-se que os preços médios recebidos pelo Brasil, com as vendas do complexo soja (segundo dados divulgados pela CACEX), evidenciam uma situação peculiar. Desde que a soja e seus derivados passaram a ser produtos importantes na pauta de exportações do país (a partir de 1973), a relação entre os preços do grão e os dos derivados raramente correspondeu àquela verificada no mercado internacional. Isto significa que, em alguns anos, recebeu-se menos com a venda de farelo e óleo do que se ganharia se fosse exportada a matéria-prima.

Nota-se, aqui, uma clara anomalia. Se de um lado, as cotações internacionais, apresentaram-se vantajosas aos derivados em relação ao equivalente-grão, do outro, os preços médios efetivamente recebidos pelo país, informam um prejuízo do ponto de vista social, por não se ter conseguido maximizar o ingresso de divisas com as exportações do complexo soja. Esses prejuízos, é claro, não se limitam ao diferencial entre os preços obtidos com a exportação de derivados e os que seriam recebidos pelo equivalente-grão, muito embora a perda total provocada pela estratégia de estimular a exportação dos derivados em detrimento da própria soja não possa ser facilmente quantificada. Entretanto, os custos sociais da decisão de conceder crédito barato para instalação de indústrias, isenções de ICM, IPI etc. foram pagos por toda a comunidade, seja na forma de inflação, seja por meio do aumento de outros impostos como forma de compensar a queda da receita tributária do governo.

Além disso, a fixação de quotas de exportação do produto ***in natura***, ao aumentar a quantidade de matéria-prima à disposição do parque industrial, acaba reduzindo o poder de negociação do produtor rural, pois limita em grande parte a concorrência entre esmagadores nacionais e estrangeiros, diminuindo, em conseqüência, a remuneração dos sojicultores.

Cabe, então, especular sobre as causas desse fracasso "parcial" da estratégia implementada para a venda da soja e de seus derivados. Uma delas pode ser justamente o alto grau de intervencionismo estatal sobre todos os segmentos do complexo soja. Na verdade, este intervencionismo, embora possa ser visto como um mal necessário, uma vez que é o instrumento de que dispõe o

governo para tentar conciliar o ingresso de divisas no país com o objetivo de controlar a inflação interna, acaba por exigir da ação governamental uma agilidade de que nem sempre ela é capaz. É neste sentido que medidas com a isenção de impostos, o confisco cambial, o contingenciamento de exportações, convivem lado a lado, numa tentativa por parte das autoridades governamentais de conciliar objetivos diversos. Em algumas oportunidades, tem faltado ao governo sensibilidade para perceber que as medidas implementadas anteriormente já não são mais instrumentos válidos para a consecução de seus objetivos.

Este foi o caso, por exemplo, do confisco cambial, adotado em 1977. Instituído para impedir a elevação dos preços internos ao nível da paridade internacional, o confisco foi imediatamente seguido por dois meses de cotações em movimento descendente, para ser finalmente retirado quando os preços já tinham caído violentamente e se achava próxima a entrada da safra norte-americana. A insistência da utilização da medida trouxe duplo prejuízo. Perderam os produtores, porque comercializaram a sua soja a preços sensivelmente inferiores, e perdeu o país, que teve o ingresso de divisas reduzido.

Outra medida que tem causado grandes males, desta vez aos consumidores, é o tabelamento, principalmente do óleo de soja. São conhecidos os artifícios disponíveis para burlar as portarias oficias que, na maior parte das vezes, acabam transformadas em biombos, atrás dos quais se escondem os movimentos especulativos do setor de comercialização. Ou seja, sem que se disponha, neste caso, de uma forma mais concreta de intervenção no mercado — disponibilidade de estoques, por exemplo — a eficácia dos tabelamentos fica comprometida pela precariedade da fiscalização governamental.

Aliás é fácil constatar-se que, no que diz respeito à soja, o que tem existido, de fato, é um jogo de pressões e contra-pressões, algumas até tradicionais no setor, como é o caso da disputa entre exportadores e cooperativas, de um lado, e indústrias, de outro, quando da fixação das quotas de exportação. Estas, por sua vez, só se justificam quando os preços do mercado internacional se encontram em alta, em conseqüência de quebras na safra norte-americana ou na brasileira. Neste ano-safra, foram obtidas produções recordes da oleaginosa tanto num país quanto no outro, o que torna a existência de quotas de exportação (no caso, a autorização de vender apenas 1,5 milhão de t de grãos ao exterior) prejudicial, do ponto de vista do produtor.

Dois outros fatos, o embargo de cereais à URSS, por parte dos EUA, e a maxidesvalorização do cruzeiro, em dezembro de 1979, seguida pela criação de um Imposto de Exportação, contribuíram decisivamente para inviabilizar o planejamento prévio da comercialização desta safra brasileira. Para agravar a incerteza dos produtores, as alíquotas do Imposto de Exportação, no caso da soja, foram diversas vezes modificadas, entre princípio de dezembro e começo de abril, resultando na absoluta impossibilidade de se efetuar o escalonamento das vendas da presente safra, pois mudanças nas determinações oficiais eram sempre tidas como iminentes.

QUADRO 6 *Brasil — comercialização da safra de soja de 1979/80, por espécie de produto*

	Quantidades Produzidas (1.000 t)	Vendas Externas (1.000 t)	Preço Médio Segundo USDA US$/t	Receita Total US$ Milhões
Grão	15.000	1.500	228	342
Farelo	9.750	7.350	193	1.419
Óleo	2.250	850	545	463
Total	—	—	—	2.224

FONTE: CFP, USDA.

QUADRO 7

Estado de São Paulo — Cotações da soja em grão
Cr$/saca 60 kg

Março/1979		Março/1980
Valor nominal	Valor real em março/80	
306,82	546,16	522,38

FONTE: Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

Os atrasos da comercialização causados por essas incertezas (algumas inevitáveis, outras não) deverão custar ao país um montante considerável de divisas, pois as cotações se encontram atualmente em patamar bastante inferior ao de algumas semanas atrás, quando os chamados fundamentos do mercado eram praticamente os mesmos.

Desta forma, as 14 milhões de t de soja produzidas para colocação no mercado (1 milhão de t são excluídas como reserva para sementes) deverão render ao país aproximadamente 2,2 bilhões de dólares, se efetivamente forem colocadas no mercado externo as quantidades de grão, farelo e óleo discriminadas no Quadro 6 ao preço médio estimado pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA).

Estas projeções de preços indicam uma acentuada queda nas cotações em relação ao ano anterior. Isto porque, ao contrário do ocorrido naquele período, o clima foi bastante favorável no Brasil, propiciando uma colheita recorde na presente safra. Nos EUA, a última safra de soja também foi recorde, o que elevará os estoques daquele país, no final da presente temporada, a 11,6 milhões de t. O volume desses estoques, além das intenções de plantio que apontam para uma provável repetição da área plantada em 1979/80 (71,6 milhões de acres) são dois fatores a mais a exercerem influência negativa sobre as cotações.

A comercialização da safra atual se encontra prejudicada pelas razões já apontadas. Para as próximas safras, contudo, um maior espaçamento das vendas da produção brasileira poderia ser benéfico para o país, na medida em que permitiria sua permanência no mercado como ofertante de soja, no maior número possível de meses durante o ano. Para a consecução desse objetivo, é necessário que a intervenção governamental se dê no sentido de regular a atividade econômica e não acabe, como tem acontecido algumas vezes, por confundir os agentes econômicos no desenrolar dos acontecimentos. Assim, as quotas de exportação da matéria-prima, em ano de abundância, comprometem o poder de negociação dos agricultores, da mesma forma que mudanças frequentes da legislação para o setor (alíquotas de impostos, por exemplo) deixam atônitos os exportadores e industriais, impossibilitando o cálculo de preços sobre os quais vão operar. Finalmente, tabelamentos ineficazes deixam consumidores à mercê de especuladores em geral e de expedientes utilizados por setores específicos para desobedecer às determinações oficiais.

Para o ano comercial de 1980/81, o abastecimento interno parece estar garantido, muito mais pelos preços baixos previstos para o mercado internacional do que pela fixação de quotas destinadas ao mercado doméstico (1,4 milhão de t de óleo e 2,4 milhões de t de farelo). Neste sentido, é interessante constatar que a cotação atual da soja no mercado interno já se encontra 8% abaixo, conforme o Quadro 7 em termos reais da vigente há um ano atrás. Nos próximos meses, esta defasagem deve se acentuar já que a safra 1979/80 permitirá um abastecimento normal ao longo de todo o ano. Sendo assim, pelo menos um dos flancos da luta das autoridades deve ficar coberto — o controle dos preços internos.

COMENTÁRIOS

CAFÉ

IBC: uma política de vendas realista

As exportações brasileiras de café vêm obtendo, até o momento, ótima performance, apesar do fracasso verificado no primeiro bimestre do ano. Até fevereiro, haviam sido exportadas 735 mil sacas de 60 kg que geraram uma receita de US$ 130 milhões. Estes resultados foram, sem dúvida, lastimáveis, tendo em vista as metas estabelecidas pelo governo.

A recuperação, a partir de março, não foi, no entanto, custosa, até mesmo porque os resultados dos dois primeiros meses decorreram principalmente da indefinição do IBC quanto à política de vendas a ser adotada. No início do ano, o IBC ficou, na prática, oscilando entre sustentar as cotações internacionais a partir de restrições à oferta brasileira, ou procurar vender grandes quantidades, como em dezembro/79, preocupando-se apenas secundariamente com o problema das cotações. Quando a decisão foi tomada, e as exportações viabilizadas pela definição de um esquema de contratos de fornecimento com descontos, as vendas fluiram normalmente. Em março, o Brasil vendeu 1,6 milhão de sacas, recebendo US$ 340 milhões. Até o momento existem registros para abril e maio que atingem a mais de 2,5 milhões de sacas.

A política de vendas adotada pelo Brasil, consiste, em linhas gerais, em firmar contratos de fornecimento com torrefadoras estrangeiras que se comprometem a comprar determinada quantidade de café brasileiro durante o ano. Em contrapartida, estes contratos asseguram aos compradores que o preço de oferta brasileiro, à época do registro da operação, estará situado entre o preço do café colombiano e o robusta. Em outras palavras, as torrefadoras têm certeza de que poderão adquirir café brasileiro a preços competitivos sem o risco de o Brasil, repentinamente, vir a modificar as condições de oferta do produto, como ocorria, com freqüência, no passado.

A sistemática de descontos vem permitindo, portanto, que o Brasil estabeleça um fluxo contínuo de oferta de café, renunciando apenas ao direito de, repentinamente, resolver suspender as vendas com o objetivo de sustentar as cotações internacionais. Do ponto de vista dos importadores, esta certeza é de suma importância. Quando o Brasil suspendia suas vendas, e a oferta internacional não era abundante, o torrefador se via no dilema entre adiar suas compras (solução quase sempre adotada), ou adquirir café brasileiro a preço elevado, correndo o risco de, dias após, o Brasil vir a reduzir seu preço mínimo de registro. Mesmo que optasse por comprar café de outras origens, o risco permanecia, uma vez que o retorno do Brasil ao mercado provocaria alguma redução nas cotações.

Adicionalmente, a atual política de descontos, estabelecendo um mecanismo de ajuste automático do preço de oferta brasileiro às oscilações do mercado internacional, permite reduzir as conseqüentes variações da remuneração do produtor. Isto porque a diferença entre o preço de venda do produto e o valor do confisco efetivamente recolhido (valor nominal de confisco menos desconto concedido pelo IBC) se torna mais estável.

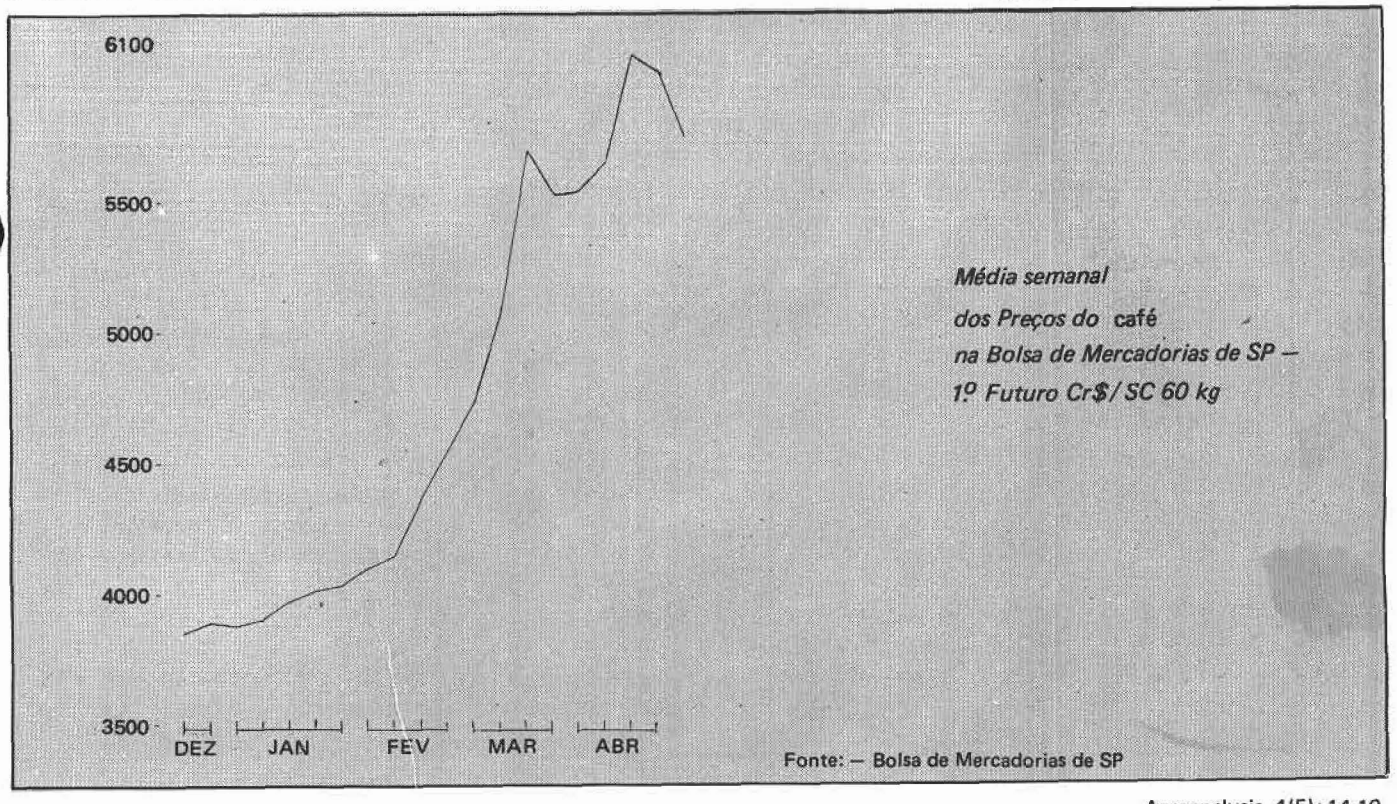
Recentemente, o IBC suspendeu a assinatura de novos contratos de fornecimento, alegando que a meta de exportar 15 milhões de sacas em 1980, estava praticamente assegurada. Segundo se divulgou na ocasião, o Brasil já teria assinado contratos de fornecimento de 11,5 a 12 milhões de sacas, estando portanto garantida a colocação de quantidade pelo menos idêntica à dos últimos anos. No entanto, é provável que a suspensão das assinaturas de novos contratos perdure apenas durante os meses de inverno, em função do risco de geadas nas regiões produtoras brasileiras.

Esta medida acauteladora é, evidentemente, justificável. Na hipó-

tese de sofrermos uma geada que afete significativamente a colheita do próximo ano, não seria interessante que o país estivesse comprometido com o fornecimento de quantidade muito grande de café. Caso não ocorram geadas, provavelmente novas assinaturas serão feitas, com o objetivo de aumentar a participação do Brasil no mercado internacional.

Evidentemente, o sucesso da política de vendas adotada pelo país já se refletiu no comportamento dos preços internos do café. A partir de meados de fevereiro, quando se iniciaram as negociações dos contratos de fornecimento, as cotações do primeiro futuro na Bolsa de São Paulo elevaram-se quase que continuamente (ver Gráfico 1). A média das cotações da primeira quinzena de abril elevou-se 35% em relação à média dos primeiros 15 dias de fevereiro.

Esta conjuntura vem demonstrar, mais uma vez, que o fator de depressão da remuneração do produtor interno não é, como querem alguns líderes do setor, decorrente da manutenção do confisco cambial. Ao contrário, este instrumento, se bem administrado, permite minimizar os reflexos das variações do preço internacional sobre o consumidor brasileiro, o que, evidentemente, também beneficia o produtor. Além disso, permite ao país maximizar seus ganhos monopolísticos na venda do produto. A baixa remuneração do produtor decorre, em situações de relativo equilíbrio de mercado, da busca obstinada de sustentação de preços ou, em outras palavras, da implementação de uma política de restrição das vendas. O fracasso da reunião de produtores que se pretendeu promover recentemente, no norte do Paraná, indica que o cafeicultor brasileiro já compreendeu esta questão.



LEITE

É preciso mudar a estrutura do setor

O recente aumento no preço do leite, autorizado pelo governo após mais um movimento reivindicatório por parte dos produtores, veio inverter uma tendência de baixa na remuneração da pecuária leiteira que já se manifestava há 4 anos.

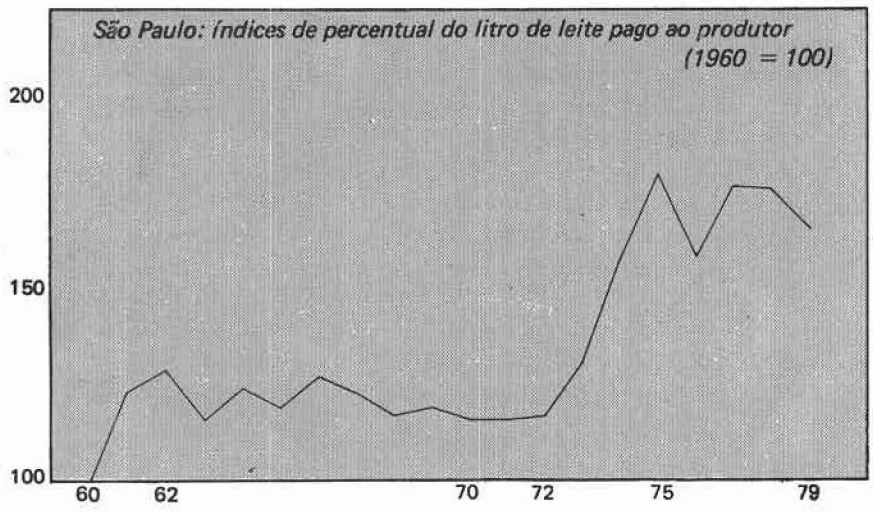
Analisando-se uma série de dados médios anuais do preço recebido pelos produtores de leite de São Paulo no período 1960-79, observa-se que, durante toda a década de 60 até 1972, o preço real manteve-se constante, recuperando-se entre 1972 e 1975, quando se elevou cerca de 59,3%. A partir daí, porém, experimentou nova fase crítica, caindo 7,6% de 1975 a 1979. Neste último período, os reajustes de preço não foram suficientes para compensar a aceleração inflacionária, de tal forma que a remuneração real mais elevada obtida pelos produtores permanece sendo a de 1975 (ver Gráfico 1).

É interessante observar, por outro lado, que a única fase de recuperação de preços registrada na pecuária leiteira, em duas décadas, coincidiu com um período de preços extremamente altos para a carne e com uma participação maior do Brasil nas exportações mundiais de carne bovina. Naquela altura, a vantagem comparativa na produção de carne era de tal ordem que o reajuste de preços se impunha como forma de evitar o colapso da produção leiteira. O mesmo problema se coloca atualmente, pois a relação preço da carne/preço do leite atingiu, em 1979, o nível mais alto em duas décadas.

Com o reajuste do leite a nível de produtor para Cr$ 8,75/l de leite C e Cr$ 13,00/l de leite "especial", sendo que do total de leite entregue pelo produtor 30% será considerado como tipo C e 70% como "especial", o preço médio final de Cr$ 11,73/l corresponde a 56,1% sobre o último reajuste de novembro de 1979. Esse aumento alivia, temporariamente, os problemas do setor embora a reivindicação inicial dos produtores fosse de Cr$ 13,50/l, o que daria uma variação de 80% no preço.

Não há dúvida, portanto, de que o aumento de preços se fazia necessário, para manter a atratividade

São Paulo: índices de percentual do litro de leite pago ao produtor (1960 = 100)



Valores deflacionados com base no IGP (col 2) da Conjuntura Economica

Fonte: VEA (S.A. – SP)

QUADRO 1 *São Paulo: Preço relativo carne/leite * – 1960-79*

1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
7,56	6,52	6,24	6,33	5,24	5,46	7,07	5,88	5,53	5,07	6,29	7,23	7,74	8,91	7,76	5,68	5,62	4,96	6,53	9,38

* Média anual dos preços pagos ao produtor por quilograma de carne e litro de leite, respectivamente.
FONTE: I.E.A. (SA – SP).

da pecuária leiteira. Vale destacar, contudo, que o conjunto de medidas adotadas pelo governo realça, mais uma vez, a dificuldade de conciliar, a curto prazo, os interesses do consumidor de baixa renda com a necessidade de estimular uma atividade vital do ponto de vista social como é a produção de leite. Nesse particular, inquieta não só o reflexo que as medidas terão sobre o orçamento das famílias mais pobres mas, sobretudo, o risco maior que não deve ser desprezado (tendo em vista experiências passadas) de que acabe desaparecendo do comércio o leite tipo C, destinado ao consumidor de menor poder aquisitivo.

Na verdade, o dilema em que se debate o governo cada vez que se trata de reajustar o preço do leite só tem solução com profundas mudanças estruturais no setor. Para elevar de forma permanente a rentabilidade da pecuária leiteira não bastam os reajustes periódicos de preço, mais ou menos acentuados, de acordo com o compasso da inflação; é indispensável, antes de mais nada, tentar aumentar a produtividade do gado leiteiro, graças à utilização de alimento suplementar na entressafra e à melhoria genética do rebanho. Há necessidade, ainda, de reduzir as perdas do produto no transporte e de reformular o sistema de comercialização em benefício do produtor (ver Agroanalysis, vol. 3 - nº 2).

Alguns dados do IBGE para 1977 ("Produção da Pecuária Principal"), referentes à quantidade de leite produzido/vaca ordenhada do rebanho, servem para ilustrar o baixíssimo nível de produtividade com que opera o setor leiteiro no país: Brasil, 677 l; Minas Gerais, 715 l; São Paulo 871 l. Mesmo microrregiões dos dois estados maiores produtores tidas como de produtividade alta como Campinas-SP (1.550 l) e Alta Mantiqueira-MG (1.062 l) estão longe da marca dos países de pecuária evoluída. A título de exemplo: EUA, 4.941 l; Holanda, 4.726 l; e Nova Zelândia, 3.125 l. Torna-se claro, pois, que o aumento da produtividade é a única via capaz de conciliar, a médio prazo, os interesses de consumidores e produtores, e quanto antes for trilhada, melhor.

Essa elevação da produtividade parece indispensável para que se possa alcançar a estabilização dos preços do leite em relação ao poder de compra do consumidor e para evitar o recurso à deterioração da qualidade do produto como forma de manter a rentabilidade do setor. Exemplo deste tipo de expediente são as constantes alterações no teor de gordura do leite, que acaba se transformando em elemento de negociação entre governo e produtores.

Trata-se, enfim, de formular, para a pecuária leiteira, uma política permanente de estímulo condicionada à melhoria de produtividade, e de exigir, em contrapartida, a manutenção da qualidade do leite e a oferta adequada do produto.



TRIGO

Crédito: nova fórmula não prejudicou produtores

O desempenho da safra brasileira de trigo de 1979 representou uma das maiores decepções para os que se dedicam a essa cultura no país. Após ter sido semeada uma área recorde, superior a 4 milhões de ha, esperava-se uma produção de até 4,5 milhões de t. Entretanto, sérios problemas climáticos, que afetaram, principalmente, os trigais gaúchos, reduziram a colheita total para 2,9 milhões de t.

O fracasso na produção de trigo, em 1979, suscitou, mais uma vez, a discussão sobre a viabilidade do plantio do cereal no país, destacando a necessidade de maximização da eficiência na alocação dos recursos destinados pelo governo ao setor.

Na verdade, o que se tem observado, ao longo dos anos, é o plantio de trigo funcionando como uma forma de os produtores de soja obterem recursos adicionais, a juros subsidiados, para ajudar a sua manutenção durante o inverno. Assim, respaldados pelas tradicionais dificuldades de adaptação da cultura no país e pela cobertura do PROAGRO, os produtores

QUADRO 1

Rio Grande do Sul – preços de garantia, recursos levantados para custeio e custos de produção do trigo 1973-80

	A Preço de garantia (PG) Cr$/sc 60 kg	B Recursos levantados para custeio (0,6 x Cr$/sc 60 kg PG)	C Custo produção Fecotrigo Cr$/sc 60 kg	B/C
1973	45,00	27,00	49,87	0,54
1974	84,00	50,40	87,64	0,58
1975	100,20	60,12	101,33	0,59
1976	127,80	76,68	132,67	0,58
1977	190,20	114,12	223,66	0,51
1978	249,00	140,40	294,23	0,51
1979	324,00	194,40	409,54	0,47
1980	710,40	459,80*	858,95	0,54

FONTE: Fecotrigo.

* Foi efetuado o seguinte cálculo:
VBC para 860 kg/ha = Cr$ 8.238,00/ha
VBC para 860 kg/ha = Cr$ 574,75/sc 60 kg
0,8 x Cr$ 574,75 = Cr$ 459,80/sc 60 kg



acabam, de uma forma ou de outra, desobrigando-se da utilização da melhor tecnologia e, até mesmo, da milenar recomendação de pousio e rotação das terras.

Em 1980, verificou-se uma mudança na fórmula de concessão de crédito de custeio para o trigo com o objetivo de aumentar a eficiência na cultura. Assim, médios e grandes produtores foram obrigados a desembolsar 20% de recursos próprios na formação de suas lavouras, a cobertura do PROAGRO não é mais integral; e o prêmio do seguro de crédito passa a ser de 3% para aqueles que alguma vez já participaram do Programa.

Em princípio, no entanto, a situação não parece totalmente negativa para os produtores, uma vez que, em 1980, de acordo com anova sistemática, o total de recursos a ser levantado, a título de custeio, para uma lavoura de trigo com produtividade de 860 kg/ha (média nacional dos rendimentos entre 1970 e 1978), por exemplo, será 137% superior ao de 1979, conforme se observa no Quadro 1.

De acordo com o mesmo Quadro, verifica-se que, embora continue existindo a tradicional discrepância entre os cálculos dos custos de produção dos triticultores e os do governo, a relação entre o valor de custeio e os custos de produção calculados pelas centrais cooperativas, é, maior em 1980, do que no ano anterior. Por outro lado, o preço de garantia sofreu um reajuste de 119%, o que, apesar das altas taxas inflacionárias, não deixa de representar um incremento significativo.

Desta forma, a redução na área de plantio do cereal, que deverá ocorrer nesta safra, tem, na verdade, como causas, além da frustração da safra anterior e do sucesso recente com a soja, a obrigatoriedade de dispêndio de recursos próprios nas lavouras de trigo. Ao comprometer um montante significativo de recursos próprios na cultura do cereal, o produtor certamente dispensará melhores tratos à lavoura, assim como utilizará, apenas, as melhores áreas dentro da propriedade. Isto representa, na prática, a observância da orientação dos organismos ligados à triticultura no país, no sentido de tornar mais eficiente a alocação dos recursos disponíveis, tanto a nível macro quanto microeconômico.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ALGODÃO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril
Produção prevista: 1.193.967 t
Produção da safra 1978/79: 1.093.500 t
Maior produção alcançada anteriormente: 1.675.000 t (safra 1971/72)
Causas da variação na produção: condições climáticas menos desfavoráveis aliada ao uso de semente mais produtiva (IAC-17) elevaram a produtividade. A contribuição do aumento da área plantada em 4,3% também foi relevante
Estágio atual da lavoura: colheita
Fatores críticos neste estágio: chuvas (atualmente não ocorrem)

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +17,2%
Produção prevista: 535 mil t
Safra anterior: 468,8 mil t
Causas da variação na produção: Elevação na área plantada. Apesar do uso da IAC-17 (semente mais produtiva), a produtividade sofreu retração de 2,6%, em virtude das chuvas ocorridas na fase inicial da colheita (fev.)
Estágio atual da lavoura: 85 à 90% da produção já colhida
Rendimento médio: 1.592 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 270/@ à Cr$ 300/@

SÃO PAULO

Variação na área: +4,7%
Produção prevista: 464.903 t
Safra anterior: 419 mil t
Causas da variação na produção: Elevação da área e da produtividade bem como condições climáticas favoráveis
Estágio atual da lavoura: Cerca de 70% da produção está colhida
Rendimento médio: 1.621 kg/ha
Preço mínimo ao produtor: De Cr$ 270/@ à Cr$ 300/@

MINAS GERAIS

Variação na área: - 9,3%
Produção prevista: 72.200 t
Safra anterior: 69 mil t
Causas da variação na produção: Elevação na produtividade devido ao uso de semente mais produtiva na região do triângulo mineiro, e condições climáticas favoráveis
Estágio atual da lavoura: Entre 50 e 60% da produção já colhida
Rendimento médio: 802 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 250/@ à Cr$ 280/@

GOIÁS

Variação na área: -10,8%
Produção prevista: 56.880 t
Safra anterior: 61 mil t
Causas da variação na produção: retração da área foi superior ao aumento da produtividade
Estágio atual da lavoura: 15% da produção colhida até 11/4
Rendimento médio: 1.800 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: -5,2%
Produção prevista: 60.760 t
Safra anterior: 71 mil t
Causas da variação na produção: redução da área e de produtividade
Estágio atual da lavoura: cerca de 80% da produção estava colhida até 11/4
Rendimento médio: 1.400 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 250/@ à Cr$ 270/@
Obs.: A tendência da safra neste período de final de colheita é para tipos piores, devido às chuvas ocorridas em fevereiro. Portanto, os preços não devem se manter nestes níveis.

MATO GROSSO

Variação na área: -19%
Produção prevista: 4.224 t
Safra anterior: 4.700 t
Causas da variação na produção: retração na área foi superior ao aumento da produtividade
Estágio atual da lavoura: fase de pré-colheita
Rendimento médio: 989 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ARROZ

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março-abril
Produção prevista: 9,5-9,9 milhões de t
Produção da safra 1978/79: 7,5 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 9.560 mil t – safra 75/76
Causas da variação na produção: elevação do rendimento físico por hectare, decorrente das condições climáticas favoráveis
Estágio atual da lavoura: colheita
Fatores críticos neste estágio: se ocorrerem chuvas fortes, a colheita poderá sofrer atrasos

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +5%
Produção prevista: 2,1 a 2,2 milhões de t
Safra anterior: 1.675 mil t
Causas da variação na produção: aumento do rendimento físico por hectare. Nas duas últimas semanas vêm ocorrendo chuvas fortes. A Fearroz afirma que pequenas perdas são inevitáveis. Não há estimativas dessas possíveis perdas
Rendimento médio: 3.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 610 a 640/60 kg (em casca seco)

GOIÁS

Variação na área: +15%
Produção prevista: 1,1 a 1,2 milhões de t
Safra anterior: 1.151 mil t
Causas da variação na produção: aumento do rendimento físico devido às favoráveis condições climáticas
Estágio atual da lavoura: Início da colheita
Rendimento médio: 1.100 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 480 a 550/60 kg (em casca seco)

MARANHÃO

Variação na área: +18%
Produção prevista: 1,5 a 1,6 milhão de t
Safra anterior: 1.070 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e do rendimento físico
Estágio atual da lavoura: início de colheita na região norte do estado, e em estágio mais avançado no sul
Rendimento médio: 1.500 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 450/60 kg
Obs.: O estado vem sofrendo forte seca, que poderá reduzir a produtividade prevista.

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

FEIJÃO

SAFRA DA SECA

Início da colheita: Centro-Sul: março/abril
Nordeste: março/junho
Pico da safra: Centro-Sul: maio/junho
Nordeste: praticamente distribuída no tempo
Produção prevista: 1.393/1.614 mil t
Produção da safra 1978/79: 1.148 mil t
Maior produção alcançada anteriormente: 2.676.225 t (em 1972 – produção referente às duas safras do ano)
Causas da variação na produção: depende da região (variando, no momento, do plantio até o início da colheita)
Estágio atual da lavoura: depende da região: desde o plantio (caso da Bahia) à aproximação do pico da colheita (caso de São Paulo)
Fatores críticos neste estágio: chuvas podem afetar a produção nas áreas onde a colheita já começou. Falta de chuvas pode afetar a produção nas áreas de plantio ou onde a planta esteja em desenvolvimento vegetativo

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

MINAS GERAIS

Variação na área: +31%
Produção prevista: 210/225 mil t
Safra anterior: 154.300 t
Causas da variação na produção: aumento da área cultivada
Estágio atual da lavoura: variável conforme a região
Rendimento médio: 530/560 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.100-1.800/saca 60 kg (feijão preto); Cr$ 1.500-2.200/saca 60 kg (feijão de cores)
Obs.: há notícias, ainda não confirmadas,de quebra da produção.

BAHIA

Variação na área: +13%
Produção prevista: 138.336 t
Safra anterior: 78.000 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e do uso de sementes fiscalizadas
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: 660 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.400/saca 60 kg (Irecê)
Obs.: A ocorrência de estiagem certamente afetará a safra

PERNAMBUCO

Variação na área: +7%
Produção prevista: 140.500 t
Safra anterior: 133.400 t
Causas da variação na produção: aumento da área cultivada face aos incentivos governamentais e boas condições climáticas
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 438 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.200-1.800 saca 60 kg
Obs.: há notícias, ainda não confirmadas, de que tenha ocorrido quebra de 50% no sertão pernambucano e de 12% no agreste do estado (cada uma destas regiões responde por 50% da safra)

SÃO PAULO

Variação na área: +12%
Produção prevista: 120/130 mil t
Safra anterior: 117.400 t
Causas da variação na produção: aumento da área cultivada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 600/700 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1800/2.000/saca 60 kg para o feijão de boa qualidade

Obs.: A quebra estimada em 50%, na produção paranaense, não chega a afetar seriamente a oferta do produto, pois a participação do Paraná, na atual safra das secas estava prevista em apenas 6,7%.

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

MILHO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: maio
Produção prevista: 19,5–20,0 milhões de t
Produção da safra 1978/79: 16,46 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 19,12 milhões de t (safra 1976/77)
Causas da variação na produção: ligeira ampliação da área semeada e favorabilidade climática
Estágio atual da lavoura: colheita (cerca de 20% da produção já foi colhida)
Fatores críticos neste estágio: chuvas constantes (atualmente não ocorrem)
Obs.: colheita em processo de intensificação; produção suficiente para atender a uma demanda próxima a 19 milhões de t

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: entre 4 e 6%
Produção prevista: 3,17 milhões de t
Safra anterior: 1,81 milhão de t
Causas da variação na produção: ampliação da área semeada e não ocorrência de adversidades climáticas como se verificou nas duas safras precedentes
Estágio atual da lavoura: colheita (entre 15 e 25% já colhidos)
Rendimento médio: 1.685 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 270/sc 60 kg
Obs.: produtores preferem colher primeiro a soja para depois incrementar a colheita de milho.

SANTA CATARINA

Variação na área: +6,5%
Produção prevista: 2,9 milhões de t
Safra anterior: 1,71 milhão de t
Causas da variação na produção: maior produtividade dentre os estados brasileiros
Estágio atual da lavoura: colheita (em torno de 20% da produção já colhida)
Rendimento médio: 2.520 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 265/sc 60 kg

PARANÁ

Variação na área: +0,5%
Produção prevista: 5,10 milhões de t
Safra anterior: 4,17 milhões de t
Causas da variação na produção: acentuada elevação da produtividade, com o bom desenvolvimento climático
Estágio atual da lavoura: colheita (20-25% da produção já colhida)
Rendimento médio: 2.300 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 260/sc 60 kg

SÃO PAULO

Variação na área: –
Produção prevista: 2,55 milhões de t
Safra anterior: 2,28 milhões de t
Causas da variação na produção: ampliação da área semeada e aumento de produtividade
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 2.130 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 215/sc 60 kg

MINAS GERAIS

Variação na área: entre 8 e 11%
Produção prevista: 3,0 milhões de t
Safra anterior: 2,6 milhões de t
Causas da variação na produção: crescimento da área e ligeiro aumento da produtividade
Estágio atual da lavoura: início de colheita
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 265/sc 60 kg

GOIÁS

Variação na área: -6%
Produção prevista: 1,55 milhão de t
Safra anterior: 1,78 milhão de t
Causas da variação na produção: redução de área devido a defasagem do VBC frente aos custos de produção à época do plantio
Estágio atual da lavoura: início de colheita (estende-se até julho)
Rendimento médio: 1.970 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 245-250/sc 60 kg

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

SOJA

CENTRO-SUL

Início da colheita: março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 15 milhões de t
Produção da safra 1978/79: 10,2 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 12,5 milhões de t (safra 1976/77)
Causas da variação na produção: recuperação dos rendimentos normais após dois anos de frustração de safra
Estágio atual da lavoura: colheita
Fatores críticos neste estágio: chuvas (atualmente não ocorrem)

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -4%
Produção prevista: 6,04 milhões de t
Safra anterior: 3,6 milhões de t
Causas da variação na produção: recuperação da produção, após uma safra prejudicada pela seca
Estágio atual da lavoura: colheita
Fatores críticos neste estágio: —
Rendimento médio: 1.565 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 500/saca 60 kg

PARANÁ

Variação na área: +3,4%
Produção prevista: 5,46 milhões de t
Safra anterior: 4,05 milhões de t
Causas da variação na produção: condições normais de clima
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$490/saca 60 kg

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: +36%
Produção prevista: 1,19 milhões de t
Safra anterior: 827 mil t
Causas da variação na produção: Expansão da área plantada
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: —
Preço médio ao produtor: Cr$ 490/saca 60 kg

SÃO PAULO

Variação na área: +2,6%
Produção prevista: 1 milhão de t
Safra anterior: 850 mil t
Causas da variação na produção: clima favorável
Estágio atual da lavoura: colheita
Rendimento médio: 1.818 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 505/saca 60 kg

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

TRIGO

CENTRO-SUL

Início da colheita: setembro
Pico da safra: outubro/novembro
Produção prevista: não há estimativa
Produção da safra 1978/79: 2,84 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 3,2 milhões de t (safra 1976)
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: plantio, exceto no Rio Grande do Sul
Fatores críticos neste estágio: escassez ou excesso de chuvas (atualmente não ocorrem)
Obs.: A liberação de Valores Básicos de Custeio considerados baixos pelos produtores aliada à grande frustração da safra gaúcha de 1979, deverão causar redução na área plantada em 1980 (ver Comentário)

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: não há estimativas
Produção prevista: não há estimativas
Safra anterior: 1,6 milhão de t
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: germinação
Rendimento médio: –
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: não há estimativa
Produção prevista: não há estimativa
Safra anterior: 190 mil t
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: plantio
Rendimento médio: –
Preço médio ao produtor: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: não há estimativa
Produção prevista: não há estimativa
Safra anterior: 70 mil t
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: plantio
Fatores críticos neste estágio: ausência de chuvas
Rendimento médio: –
Preço médio ao produtor: –

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: não há estimativa
Produção prevista: não há estimativa
Safra anterior: 963 mil t
Causas da variação na produção: –
Estágio atual da lavoura: não foi iniciado o plantio
Rendimento médio: –
Preço médio ao produtor: –

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 80 mai	80 jul	80 set	80 nov	81 jan	81 mar	81 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	-62%	-2%	22,57 (mai)			+4%				+15%	↗	Compras volumosas da URSS e alta no mercado de metais preciosos mantêm preços em elevação.
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fontes: Reuters	-24%	-2%	83,18		+1%					-8%	→	Apesar da notícia de elevação em 6% da área plantada nos EUA com relação à safra 79/80, o relativo aperto na oferta mundial e a continuidade das compras chinesas impedem retração dos preços.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	+17%	+7%	127,29 (mai)			-1%			+5%		↗	Cotações aproximam-se de nova faixa de suporte (em torno de 120 ¢/lb.) devendo ser sustentadas pela redução na safra intermediária do Brasil.
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters	-18%	+3%	183,91 (mai)			+5%				+2%	→	Os fundamentos do mercado permanecem inalterados, apontando para uma situação de estabilidade. Preços podem variar, no entanto, em função da queda de temperatura nas regiões produtoras brasileiras e de flutuações do dólar.

* **Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI**

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Nominal de Futuros 80 mai	80 jul	80 set	80 nov	81 jan	81 mar	81 mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters	+6%	-4%	253,75	+6%						+24%		– Primeiro relatório de intenção de plantio nos EUA prevê um crescimento de 2% na área de grãos forrageiros. – Ritmo lento das aquisições internas pelo governo norte-americano.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters	+35%	+4%	581,36	+3%						+21%		Intenções de plantio da próxima safra norte-americana apontam praticamente para a manutenção da área semeada naquele país em 1979 (71 milhões de acres).
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. Fontes: Reuters	+32%	+5%	154,22	+7%					+25%			Esmagamento e exportações norte-americanas são 8,15% superiores à temporada 78/79, o que compensa em parte as grandes disponibilidades da oleaginosa.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters	-3%	+5%	399,40	0%						+15%		Maior competição entre os países exportadores. Aumento da área plantada de trigo de primavera nos EUA.

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-2%	+2%	852,70	➘	Possível escassez de tipos melhores leva as indústrias a comprarem antecipadamente.
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+4%	+4%	1.096,11	➘	Redução do preço recebido pelos produtores (pela entrada da safra) deve pressionar, para baixo, os preços no mercado atacadista.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	-7%	+6%	4.577,78	➡	IBC volta a fornecer café do estoque oficial às torrefadoras a preço subsidiado.
BOI GORDO – MERC.–Pres.Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	+3%	+2%	1.100,00	➡	Preço recuperando-se nominalmente, mesmo com proximidade do pico da safra, mostrando que a oferta de animais para abate não se normalizou.

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

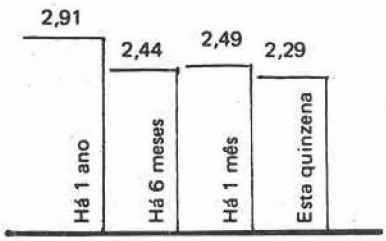
PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-22%	+7%	1.255,20**		Oferta de feijão novo (a despeito de notícias de quebra da safra) deverá manter tendência baixista dos preços
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	-2%	+8%	31,68	↘	Fim do acordo de cavalheiros deverá levar a que se verifique queda sazonal das cotações.
MILHO Amarelo Semi-duro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	-18%	+8%	308,33	↘	Disponibilidade crescente do produto no mercado atacadista.
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+11%	+10%	504,17	→	Tabelamento dos preços dos derivados deverá manter as cotações dos grãos nesse patamar.

* **Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

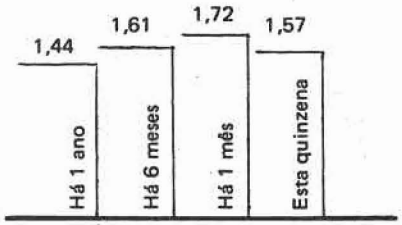
** **Produto tabelado.**

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

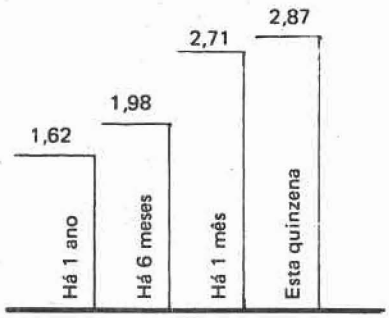
Soja / Milho



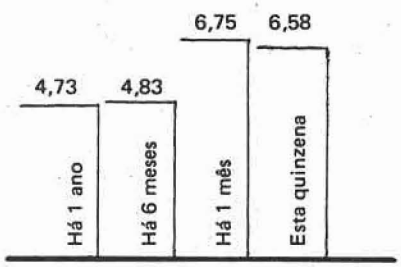
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho

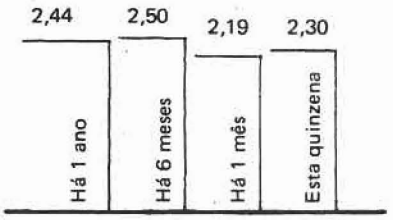


FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

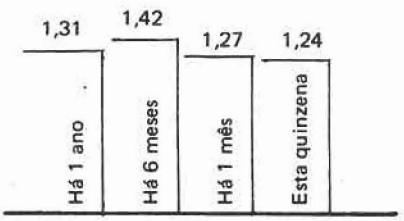
NOTA: A queda de 3,7% ocorrida no preço da soja na última quinzena em confronto com o aumento da cotação do cereal, no período, levou a que a atual relação de preços soja/milho se colocasse 8,0% abaixo daquela verificada um mês antes. Observe-se, paralelamente, que seu atual valor é 21,3% inferior àquele registrado há um ano. *** Localizando-se em nível 8,7% inferior àquele de um mês antes, o preço relativo trigo/milho desta quinzena sofreu a conseqüência da queda de 4,5% verificada na cotação internacional do trigo, advinda não só da expectativa de aumento da área plantada do cereal de inverno norte-americano como também de uma maior competição observada no mercado exportador mundial do produto. *** Esta quinzena, o preço relativo algodão/soja elevou-se 45,0% e 5,9% acima daqueles de há 6 meses e de há um mês, respectivamente. Responde por este novo patamar a variação negativa do preço da soja, observada na quinzena, cujo fator determinante foi o maior dinamismo verificado na comercialização da oleaginosa brasileira a partir da supressão do imposto incidente sobre o setor exportador nacional. *** A relação de preços algodão/milho, esta quinzena, conquanto 36,2% acima do valor de há 6 meses, registrou queda de 2,5% em comparação com o patamar alcançado há 1 mês. Ultimamente, o mercado da fibra tem registrado relativa estabilidade, uma vez que, embora o consumo internacional do produto encontre-se em franca expansão, a mais recente estimativa da área de plantio nos EUA é a maior desde 1963, e 6% acima daquela do ano passado. Por sua vez, a política norte-americana de aquisição interna de milho, a fim de sustentarem-se os preços, determinou-lhe elevação de 4,5% durante a presente quinzena.

PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

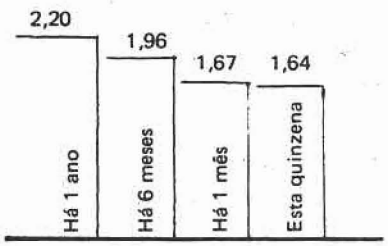
Boi Gordo / Frango Vivo



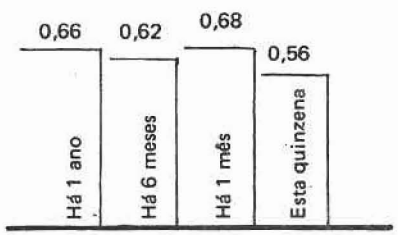
Frango Vivo / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

*** O aumento de 5,0% no preço relativo boi gordo/frango vivo desta quinzena em cotejo com aquele de um mês antes resulta do aumento havido, neste período, na cotação do boi gordo. Embora aproximando-se do pique da safra bovina, o abastecimento do mercado ainda não se encontra normalizado, o que se reflete na elevação do preço do produto. *** A inalterabilidade da cotação do frango vivo desta quinzena frente àquele de há um mês é conseqüência do acordo de cavalheiros celebrado entre produtores de aves, de rações e de pintos de um dia. No entanto, a elevação de 3,0% no preço da ração para ave de corte antes do prazo proposto para o término do acordo levou a que a relação frango/ração registrasse decréscimo de 2,4% frente aquela de há um mês. Registre-se que tal elevação do custo do insumo resultou do vencimento da 3a parcela de aumento autorizado pelo governo em 1979. Observe-se que o atual preço relativo é 12,7% inferior àquele de há 6 meses, o que reflete a fase de baixa lucratividade pela qual está passando o setor avícola de corte. *** O decréscimo de 1,8% observado no preço relativo soja/milho desta quinzena frente àquele de 1 mês antes resulta da queda mais acentuada do preço da soja (-3,3%), naquele período, do que aquele verificado no mercado do cereal (-1,2%). Embora ambos os mercados estejam em baixa pelo mesmo motivo (entrada da safra), a compressão dos preços da oleaginosa revela-se mais acentuada na medida em que o tabelamento de seus derivados tem levado as indústrias a pressionarem o preço pago ao produtor. *** A ainda reduzida disponibilidade de feijões de cores da nova safra no mercado atacadista de São Paulo, aliada às chuvas que lhe prejudicaram temporariamente a colheita, justificam o decréscimo de 17,7% observado no preço relativo feijão preto/feijão de cores desta quinzena frente aquele de um mês antes. A variedade feijão preto continua a ter sua cotação tabelada em todo o território nacional.

Impresso na 
COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ARTES
GRAFICAS
RUA, RIACHUELO ,128
TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 com o pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC-02
Tel: 266-1512
CEP: 20.000 – Rio de Janeiro – RJ

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, José Joaquim de Sá Freire Alvim, Isaac Kerstenetzky e Octávio Gouvêa de Bulhões.

CONSELHO CURADOR
Presidente: Maurício Nabuco
Vice-Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Netto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cesar Reis de Cantanhede e Almeida. Estado de São Paulo –, representado por: Murilo Macedo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, João Carlos Vital, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, José de Nazaré Teixeira Dias, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens D'Almada Horta Porto e Theodoro Arthou.

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Membros: Eugenio Gudin, Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mário Henrique Simonsen.
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Carlos Geraldo Langoni

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais – Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais – Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais – Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas – Silvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica – Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados – Eugenio Decourt

Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL